

Setor de seguros se prepara para para o maior sinistro da história

» Seguradoras garantem ter caixa para enfrentar a pior tragédia climática do RS



GIULIAN SERAFIM/PMPA/JC

Eventos climáticos extremos castigaram o Rio Grande do Sul, causando perdas de vidas e a destruição de cidades inteiras, com a força das águas levando casas, comércios e automóveis

Maria Amélia Vargas
mavargas@jcrs.com.br

Apesar dos grandiosos números preliminares apresentados pela Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg) em junho, a entidade confia no sistema de segurança brasileiro para superar este momento histórico.

De acordo com o presidente da instituição, Dyogo Oliveira, o mercado de seguros é organizado com reservas técnicas para esses tipos de situações emergenciais, como as causadas pelas cheias que atingiram o Rio Grande do Sul.

“É para isso que a nossa regulação foi criada, para que as seguradoras tenham valores em caixa

para enfrentar eventos como esse”, afirma. Nesse sentido, ele é enfático: “Não haverá nenhum problema de liquidez dentro do sistema de segurança brasileiro, mostrando mais uma vez a solidez, a funcionalidade e a capacidade técnica e financeira do sistema de segurança brasileiro”.

Por essa razão, o dirigente acredita que, mesmo considerando o fato de as avaliações apontarem para a um crescimento nos sinistros nos próximos meses, “serão valores perfeitamente provisionados pelas seguradoras”.

Os produtos que, segundo o levantamento da entidade, registraram as maiores procuras por indenização nas seguradoras fo-

ram o de Grandes Riscos, que alcançou pagamentos de R\$ 1,32 bilhão, somando um total de 599 sinistros avisados. Na sequência, aparecem os avisos relativos a automóvel, com pouco mais de 19 mil pedidos, totalizando R\$ 1,27 bilhão em pagamentos a serem feitos. O Seguro Agrícola contabilizou 2.215 pedidos de indenizações somando, R\$ 181,7 milhões.

O presidente do Sindicato das Seguradoras do Rio Grande do Sul (Sindsegrs), Guilherme Bini, lembra que “o Brasil é um país de dimensões continentais e, neste momento, a maior parte do País está funcionando dentro de uma normalidade, o que faz com que seja possível absorver a demanda gaú-

cha, que deverá ser de fato grande quando for possível ter noção do volume de sinistros”.

Bini explica que, diferentemente de uma empresa que comercializa proteção veicular, as seguradoras têm abrangência nacional, normalmente atuando em mais de uma região do País, sob supervisão da Superintendência de Seguros Privados, órgão regulador e fiscalizador. Dessa forma, ele assegura ter esse segmento “plenas condições de arcar com o volume de indenizações que porventura lhes caibam nessa tragédia, uma vez que as provisões técnicas, exigidas pela Superintendência, assim lhes garantem essa condição”.

Outra questão apontada pelo

coordenador de Graduações da Escola de Negócios e Seguros (ENS), José Varanda, é o fato de que o mercado de seguros no Brasil adota o princípio da pulverização das responsabilidades: “Isso inclui o uso do resseguro, que é um mecanismo que permite às seguradoras transferirem para empresas de resseguro os valores de indenização que ultrapassem sua capacidade de retenção”.

Segundo o especialista, essa capacidade é calculada com base no ativo líquido e no patrimônio líquido de cada seguradora, conforme a legislação vigente. “Portanto, as seguradoras brasileiras estão preparadas para assumir riscos com caráter catastrófico, uma vez que